

SEÇÃO TEMÁTICA:
AS LIÇÕES DA PANDEMIA

Educação
& realidade

Medo e Razão em Tempos de Coronavírus

Christoph Türcke¹

¹Hochschule für Grafik und Buchkunst, Leipzig – Alemanha

RESUMO – Medo e Razão em Tempos de Coronavírus. O que faz o choque do coronavírus tão profundo é o insulto narcisista de que uma força arcaica da natureza, que se acreditava ter sido superada na era da alta tecnologia, retorna em todo o mundo. Os mitos da conspiração em torno do coronavírus negam esse insulto. Eles querem se livrar do medo desnecessário, ao mesmo tempo em que desmascaram os produtores de pânico ávidos por dinheiro. Mas eles próprios estão com medo e buscam pseudo-causas porque não podem suportar a incerteza.

Palavras-chave: **Medo. Razão. Conspiração. Tempo Presente.**

ZUSAMMENFASSUNG – Angst und Vernunft in Corona-Zeiten. Was den Corona-Schock so tief macht, ist die narzisstische Kränkung, dass eine archaische Naturgewalt, die man im Hochtechnologiezeitalter überwunden glaubte, weltweit zurückkehrt. Die Verschwörungsmythen um Corona verleugnen diese Kränkung. Sie wollen von unnötiger Angst befreien, indem sie macht- und geldgierige Panikmacher entlarven. Aber sie sind selbst angstbesetzt. Sie greifen nach Pseudo-Ursachen, weil sie die Ungewissheit nicht ertragen können.

Schlüsselwörter: **Angst. Vernunft. Verschwörung. Geschenkte Zeit.**

Diz-se que o medo é um mau conselheiro. Realmente, ele pode impedir a reflexão, a análise e o julgamento. Mas não nos esqueçamos que o medo foi o primeiro conselheiro da humanidade. Mais do que isso: é a forma elementar da memória. Perceber algo como um perigo é uma reminiscência do que já foi experimentado. “Algo assim não deve acontecer novamente”, diz o medo. Ele começou como um mecanismo de prevenção de riscos baseado na memória, e a razão é nada mais do que o medo traduzido em prudência e julgamento.

Ter medo da Covid-19 é completamente razoável. O vírus lembra todas as epidemias que já ocorreram: da peste à gripe do ano passado. Ele nos torna conscientes daquilo que por conveniência ignoramos: a velha suscetibilidade à doença ainda não foi ultrapassada, apesar de toda tecnologia. O coronavírus já existe há muito tempo. Mas a Covid-19 é diferente das outras doenças: altamente infecciosa, fatal para muitos dos infectados e com propriedades ainda pouco conhecidas. Os perigos que não têm forma clara são particularmente assustadores. Não há nada de irracional nisso. Os efeitos secundários da luta contra o vírus também legitimam o medo: as grandes limitações de direitos democráticos básicos – liberdade de ir e vir, viajar e se reunir; direito à educação, de exercer sua profissão e manter seu negócio. Os efeitos secundários, como aqueles que ocorrem, por exemplo, na quimioterapia, podem ser tão graves quanto o mal combatido. No entanto, uma mentalidade racional não confunde efeitos secundários com o principal, o que neste caso é muito simples: o vírus. Ele nos lembra que somos seres da natureza. A sociedade humana é o projeto conjunto da partilha de trabalho das forças naturais. A natureza pode ser moldada em grande medida, mas não deixa de ser superior e sempre voltará a colocar a sociedade em estados de emergência.

A supremacia da Covid-19 foi desencadeada pelos seres humanos. Os culpados podem ser nomeados: os responsáveis pela higiene inadequada no mercado animal de Wuhan, onde o vírus se espalhou; os descuidados, negligentes e, sobretudo, quem o acobertou, possibilitando sua rápida propagação. Mas estes culpados não são os criadores da pandemia. Eles não criaram o vírus. Ele é uma força da natureza, não uma construção. Quando seu acobertamento não adiantava mais, Wuhan e logo toda a China foram isoladas. Com um atraso impressionante, o exemplo foi seguido em todos os continentes. Por último, a África. Nem todos os países têm uma infraestrutura que permita a plena implementação deste isolamento. No entanto, salvo algumas exceções, as medidas de isolamento são espantosamente semelhantes em todo o mundo – não por causa de acordos na Organização das Nações Unidas (ONU), mas porque todos os governos enfrentam o mesmo problema. Quer sejam mais ou menos democráticos, os líderes compreenderam rapidamente que algo estava se espalhando, e do qual estavam sendo ameaçados tanto quanto a maioria da população. Talvez alguns ainda se lembrem que o governo da Alemanha Ocidental construiu um grande *bunker* perto de Bona para a guerra nuclear. Contra a Covid-19, não é possível simplesmente se esconder, e até os chefes de governo podem acabar em unidades de tratamento intensivo.

Quando Xi Jinping e Boris Johnson adotaram o confinamento (um após o acobertamento, o outro após o conceito de “imunidade de rebanho”), eles não mudaram de “estratégias utilitárias” para uma visão “kantiana” (dignidade e bem-estar dos indivíduos), como diz John Schellnhuber. Eles simplesmente estavam apavorados. Suas vidas também estavam em jogo – incluindo sua imagem. Nenhum político quer entrar na história como o responsável por uma pandemia. Daí as palavras de ordem – “o menor contágio possível” – que surgiram por medo de perder seus cargos, e não por causa da moralidade “kantiana”. Mesmo assim, a população se beneficiou delas e entendeu instintivamente que os governos têm tanto medo quanto nós. O medo compartilhado conecta. Por isso, a imposição de estado de emergência se deu sem problemas, sendo inicialmente aceita quase sem queixas.

“Soberano é quem decide sobre o estado de exceção”, dizia o filósofo do direito Carl Schmitt em 1922. Ele pensava, acima de tudo, na guerra. Aquele que tem o poder de impor a lei marcial e marchar tropas contra inimigos externos ou internos é, de fato, soberano. Quem é soberano paralisa toda a indústria de automóveis, de aviação e o turismo do próprio país, solicita ao Banco Central a impressão de quantias milionárias, pede novos empréstimos gigantescos para os grandes fundos financeiros, leva seu país a dívidas públicas extraordinárias e garante que leitos suficientes de terapia intensiva, ventiladores e máscaras estejam disponíveis? Neste caso, o estado de emergência é primeiramente por causa de forças superiores da natureza.

Este tipo de estado de emergência não foi sequer considerado quando a República Federal da Alemanha aprovou leis de emergência nos anos 1960. Elas eram também praticamente apenas destinadas ao evento da guerra e provocaram protestos ferozes de todos aqueles que estavam fartos da guerra. A ironia da história: até o corona, as leis de emergência nunca foram aplicadas e, neste caso, elas não eram, estritamente falando, aplicáveis. Só um acordo informal entre todos os partidos permitiu que o parlamento concedesse poderes especiais ao governo – mesmo em caso de epidemia, a lei o prevê exclusivamente para o caso de guerra. Em 1968 não se contava mais com uma pandemia.

Agora o inesperado voltou, e o confinamento está tentando ganhar tempo. Parece um sacrifício arcaico. Sacrificaremos o crescimento econômico e os direitos fundamentais por um breve período para salvá-los em longo prazo. E isso só é possível graças aos profissionais de saúde. A medicina de hoje tem potencial para domar o vírus. Só precisa ser mobilizada primeiro. Isso foi diferente com a gripe espanhola em 1918. A medicina era, em grande parte, indefesa. Além disso, nem os setores econômicos nem os direitos fundamentais foram limitados para conter a gripe. Por isso, morreram muito mais que 40 milhões de pessoas.

Giorgio Agamben, filósofo amplamente reconhecido, fez disto um argumento ridículo: os então poderes do Estado não viram nenhuma razão para restringir os direitos fundamentais por causa da gripe espanhola, mas os atuais, que são muito mais democráticos, o fazem com a

Covid-19, que é muito menos perigosa. Porém, sabemos do que se trata: a tomada do poder e a supressão da democracia. Sério? O novo vírus deve ser livre e democrático? Cada Estado que exige a distância de 1,5 m entre as pessoas, intervém, quer queira ou não, no direito fundamental da livre circulação.

Agamben é um dos pioneiros de uma falsa conclusão, que começa a funcionar como um vírus. Ele vê a restrição dos direitos fundamentais não como efeito colateral inevitável do confinamento, mas como seu real objetivo. Porque querem restringir os direitos básicos e fazer negócios, os poderes dominantes instigaram a pandemia, daí a suspeita. Hoje em dia a liderança chinesa é realmente uma potência dominante e tem como objetivo controlar todo o cotidiano do povo e até mesmo suas atitudes. Mas para fazer isso, ela construiu seu Sistema de Crédito Social e não precisa espalhar uma epidemia, o que causaria um violento colapso econômico e faria com que o país se sujeitasse a medidas de distanciamento e uso de máscaras, imposto à população.

Bill Gates também não precisa disso. Embora seja um dos mais ricos e poderosos magnatas do mundo, e também um ícone de caridade – uma imagem cuidadosamente criada por ele, para assegurar os interesses do império da Microsoft –, por que ele começaria uma pandemia que também traz restrições irritantes à sua vida privada e social, apenas para ganhar dinheiro com a vacina que, em termos de sua riqueza total, seria basicamente migalhas? Absurdo. E as empresas farmacêuticas? Sim, aquelas que vencerem a corrida das vacinas ganharão muito. Mas trazer um vírus ao mundo contra o qual não temos uma vacina seria estúpido. A competição pode ganhar a corrida. E a própria vacina? Sim, nem sempre pode funcionar como o desejado, nunca será sem efeitos colaterais, que alguns não vão tolerar bem. No entanto, o método para imunizar o corpo vulnerável contra esta doença com a dose mínima do vírus é genial. As vacinações obrigatórias contra doenças altamente contagiosas que ameaçam a vida não são execuções em massa.

É um mito da conspiração que alguém tenha começado a pandemia para lucrar com ela. Pelo contrário! Desde que começou, muitos estão tentando acabar com ela, sendo um amplificador de tendências que já existiam. Orbán já queria se tornar um autocrata há tempos. A indústria da tecnologia da informação (TI) já queria há muito digitalizar escolas e universidades, as empresas já queriam implementar o *home-office*, e as grandes empresas de gastronomia e turismo já queriam engolir as pequenas. Isto se tornou apenas mais fácil. Nas áreas atingidas pela pobreza, o vírus intensifica a fome; nos campos de refugiados e nos matadouros, as doenças.

Em todas as zonas críticas, a pandemia apresenta um quadro nítido do capitalismo global. Que a ONU não é uma instituição de caridade pura; que o conselho de virologistas por si só não é suficiente para estabelecer medidas de confinamento; que a ruína econômica pode ser pior do que o contágio; que um aplicativo para identificar casos de corona fornece muito mais dados para controle do que revela rotas de contágio: tudo isso não é uma teoria da conspiração. Pelo contrário, as pessoas

que as reconhecem são cidadãos vigilantes. Não querem ser privadas de direitos fundamentais por nenhuma razão, mas isso não muda o fato de que “manter distância sempre que possível” é atualmente a única coisa sensata – e, ainda assim, uma invasão do direito fundamental da liberdade de circulação.

A questão é que a vigilância política e a mentalidade da conspiração às vezes não são fáceis de distinguir. Os mitos da conspiração em torno do corona querem se livrar do medo desnecessário expondo alarmistas poderosos e gananciosos. Mas eles mesmos estão com muito medo: agarram-se à primeira causa, porque não conseguem suportar a incerteza. Trata-se de um reflexo infantil primitivo. Mesmo a peste da Idade Média foi imediatamente atribuída à vontade punitiva de Deus ou à má-fé dos judeus. Hoje, os judeus levam novamente a culpa, mas também as empresas farmacêuticas, a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Robert-Koch-Institut e Bill Gates. Quando se tem bodes expiatórios, as causas são aparentemente tangíveis, têm significado, e prometem orientação e apoio. Mas bodes expiatórios são “pseudocausas”. Eles não permitem dúvidas. A investigação séria das causas vem acompanhada de dúvidas; examina se as causas que se impõem são realmente o que parecem – e para isso aceita a dificuldade da incerteza.

Hoje, a grande incerteza está relacionada ao sistema de ensino. Se já tivéssemos digitalizado as escolas, agora não teríamos problemas, dizem os adeptos da tecnologia. Mas eles não reconhecem que certos processos educacionais elementares, que exigem entendimento e verbalização em conjunto na sala de aula, não acontecem no ensino remoto. Quanto menores as crianças, menos produtivo é o processo. O que acontece no monitor, a menos que pais atenciosos assumam a tarefa da verbalização, não é nada mais do que um passatempo. Por que o medo de admitir isso? Por que fingir que a máquina educacional poderia e deveria simplesmente continuar a funcionar, embora não se possa negar às classes finais a formatura iminente? Mas por que desejam contar o ano escolar a qualquer preço? O seu fracasso seria, em longo prazo, pouco prejudicial. Mas seria uma oportunidade única se, em vez de continuar a fazer trabalhos *online*, as crianças fossem simplesmente encorajadas a fazer algo que a tela as habitua a fazer sistematicamente: ler persistentemente, e ler regularmente em voz alta para seus pais, seja em turco ou árabe. Se isso não funcionar, não seremos capazes de prender a atenção das crianças como as telas o fazem. O que faremos então?

Os monitores são os principais redutores da educação a dados e informações. Certamente também criam conexão em tempos de separação. Permitem que conferências, aconselhamento de clientes, psicoterapia, aulas escolares e universitárias prossigam através do vídeo. Mas é uma medida emergencial que não consegue transmitir muito, sendo ainda bem mais extenuante do que os encontros presenciais, já que você tem que imaginar constantemente a terceira dimensão. Artistas também estão criando formatos de vídeo originais (exposições de arte, performances, concertos ao vivo) que se tornaram muito populares, como plataformas do sonho compartilhado do retorno dos eventos ao vivo.

O confinamento rouba muito, mas ele também dá algo a muitas pessoas afetadas, o tempo: para os pais com seus filhos, aos artistas para pintar, escrever e compor, aos músicos para praticar – e a todos os interessados por cultura o tempo para ler. Tudo que sempre desejamos. Mas agora que o temos, ele mostra que o desejado também assusta. Tempo? É isso que têm os desempregados, os doentes, os velhos. Quem se entretém, não tem tempo. Desaceleração; horas para brincar e falar com as crianças; retirar-se para um canto de leitura: como se pode suportar isso? Quando os nervos se esgotam rapidamente, os pais que ficam em casa brigam com as crianças, alguns se distraem com o Facebook e outros com jogos de computador, nem sempre só porque o apartamento é muito pequeno. O tempo dado também faz a todos a pergunta: uma vez que a inundação de e-mails, ligações, trânsito e trabalho acaba, o que resta de você mesmo? Você consegue preencher o espaço vazio com algo que não seja apenas um reflexo da máquina de estímulo? Quão autodeterminado, quão maduro você é? O esclarecimento, segundo Kant, é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. Pode-se também dizer que o esclarecimento é o medo assumido e transformado em razão.

Os governos sugerem que depois do corona tudo será como antes. É claro. É importante assegurar o pleno restabelecimento de todos os direitos fundamentais. E estar alerta contra a indústria de TI. Ela é a vencedora da crise e vai insistir que seus remédios emergenciais, que superaram a lacuna durante o confinamento, se tornem novos padrões, e que consultas, seminários, psicoterapias, teatro e shows migrem em série para a rede. Furtivamente, fará desaparecer toda uma dimensão da realidade, que todos afirmam ser insubstituível. A não ser que haja resistência¹.

Recebido em 20 de outubro de 2020
Aprovado em 05 de novembro de 2020

Nota

1 Este artigo foi publicado na *Opernwelt* (Revista Mundo da Ópera) 7/20, com o título “Medo e Razão” (p. 16-19) e em *Tanz. Zeitschrift für Ballet, Tanz und Performance* (Dança. Revista de Ballet, Dança e Performance), em julho de 2020, com o título “Pavor” (p. 10-13). A presente versão é apenas para uso pessoal – nenhuma transferência de arquivo ou impressão para terceiros!

Referência

TÜRCKE, Christoph. Fracksausen. *Tanz. Zeitschrift für Ballett, Tanz und Performance*, Berlin, p. 10-13, Juli 2020.

Christoph Türcke lecionou como Professor de Filosofia na Hochschule für Grafik und Buchkunst Leipzig entre 1995 e 2014. Mais recentemente, publicou o livro *Digitale Gefolgschaft. Auf dem Weg in eine neue Stammesgesellschaft* (*Vassalagem digital: a caminho de uma nova organização social*) pela editora C. H. Beck.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3161-5847>

E-mail: ctuercke@hgb-leipzig.de

Editora-responsável: Carla Vasques

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.